

Resenha:

A religiosidade, o mito e a magia nórdica
Religiosity, myth and Nordic magic
Religiosidad, el mito y la magia nórdica

*Laionel Vieira da Silva**

LANGER, Johnni. **Na trilha dos vikings**: estudos de religiosidade nórdica. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. 284p.

A obra em questão apresenta um conjunto de pesquisas realizadas entre os anos 2005 e 2010. Trata-se de ensaios não finalizados, mas, elaborados com finalidade de contribuir para as escassas produções sobre os temas escandinavos publicados em língua portuguesa. Na fala do autor, “como se tratam de ensaios, não possuem um caráter definitivo, mas de reflexões que procuram apontar novos caminhos, novos problemas e estímulos futuros” (LANGER, 2015 p. 7). Boa parte dos temas trata dos mitos, religiosidades e os seus significados para os vikings e escandinavos.

Inicialmente o autor destaca a importância de definir magia e feitiçaria, as quais estiveram bastante presentes no mundo nórdico em diversos períodos. O autor propõe como definição de magia “um conjunto de práticas, técnicas e instrumentos utilizados por determinadas pessoas para controlar fenômenos da natureza e do próprio ser humano, adequando-se geralmente nas categorias do sobrenatural, do invisível e do oculto”. (LANGER, 2005, p. 11). Desse modo, as categorias existentes no imaginário social sobre concepções de vida,

* Universidade Federal da Paraíba. Graduado em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba. Mestrando em Ciências das Religiões pela mesma instituição.
E-mail: laionel.vs@gmail.com>

morte, nascimento e deuses por exemplos, tornam-se indissociáveis da vida pública ou privada, formulando definições e estilos de vida que se inserem por todo o contexto social.

Tal compreensão torna-se imprescindível para o entendimento da vida e cultura desses povos, bem como amplia as discussões e pesquisas sobre os temas de magia e feitiçaria nos campos de estudo das ciências das religiões de modo geral.

A magia ao ser relacionada tanto ao campo público como institucional fará parte de uma maior totalidade no sistema social, afetará diversas concepções e modo de perceber-se no mundo, de perceber os outros e demais fenômenos. A magia pode ainda ser definida em dois grandes grupos: ofensivas e defensivas. Esses conceitos estiveram presentes desde as culturas da antiguidade, “onde a magia defensiva (geralmente curativa e profética) tinha legitimidade social – une a comunidade, enquanto a magia destrutiva ou ofensiva era considerada ilegal ou antissocial – separava os homens” (ANKARLOO & CLARK, 2004. *apud* LANGER, 2015, p. 12).

Já a feitiçaria, ao abordar leituras diversas e conceitos diferentes para determinados teóricos, é assim conceituada pelo autor: “Em nosso trabalho, utilizamos a perspectiva de que feitiçaria é um ritual mágico de caráter destrutivo ou ofensivo com forte carga simbólica e representações do cosmos, da vida e da morte...” (LANGER, 2015, p. 14)

Tanto as técnicas mágico-religiosas de canto (ritual de caráter divinatório e xamânico), quanto os sons mágicos (utilizado em operações curativas e encantamentos) têm um padrão pautado em fórmulas específicas, direcionadas a uma plateia com conteúdos mitológicos e religiosos, ambos relacionados a atividades de preservação da ordem (curas e controle do clima) como para malfícios (assassinato e maldições). Esses elementos podem ser compreendidos, inclusive, através do estudo da *Bósa saga*, conforme apresentado pelo autor.

A *Bósa saga* é uma narrativa anônima preservada em manuscritos datados do século XV e XVI. Possui, como influência bastante significativa em toda a sua estética, elementos nórdicos, elementos do romance francês e da poesia épica alto alemã.

A *Bósa saga* é uma narrativa heróica, recontando eventos ocorridos no interior da Escandinávia durante os tempos vikings. Juntamente com outro personagem principal da estória, Herraud, Bósi é um aventureiro que se envolve repetidamente em situações perigosas (LANGER, 2015, p. 18).

Ao entrar em contato com outros mundos, essa narrativa trazia discursos que tinham como objetivo buscar legitimar um espaço de leitura de mundos. A feitiçaria em si não demonstrava um julgamento moral para aqueles que a realizavam.

Na obra em questão é possível encontrar algumas citações da Bósa saga, nas quais são tecidos comentários sobre alguns encantamentos mágicos, ditos que nenhum cristão deveria pronunciar, especialmente na Bósa saga 5, Bulubaen, nas estrofes de 3 a 9, a exemplo de Busla, que profere tal encantamento no momento em que o rei Hring dormia.

Não apenas um elemento de leitura cristã é inserido no contexto desse conto, mas, também constam as representações que o cristianismo faz a respeito de todo o complexo cultural de outros povos não cristianizados. Os escandinavos, como qualquer outro povo, trazem em sua estrutura social uma determinada hierarquia de valores específicos desses povos.

A hierarquia de valores da sociedade viking é fortemente baseada na reputação pessoal. As palavras, canções e expressões artísticas legitimadoras de honra representavam a ética e a moral. O referencial de homem não podia dividir espaço com covardia ou com questões sexuais que vinculassem o homem a condutas efeminadas.

A referência de seres humanos masculinos sendo sexualmente passivos com cavalos, é bastante presente na literatura e mitologia nórdica, indicando geralmente, situações vexatórias ou difamatórias.

Como exemplo temos a figura do deus Loki. Com o objetivo de ajudar os deuses a enganar os gigantes, ele se transforma em uma égua para distrair o cavalo de Hrimthurs, chamado Svadilfari. Através desta união surge o cavalo de Odin, Sleipnir. A figura de Loki é costumeiramente relacionada a seres monstruosos e ambíguos, como os seus filhos.

O homem nórdico possui valores hiper masculinizados de homem, guerreiro e líder que vão perpassar outras tradições. O sincretismo se torna base das diversas religiosidades, seja ela pagã ou cristã, e assim surgem as contestações e reinterpretções diversas.

“A nova sociedade adapta os rituais e as crenças conforme suas necessidades, novas ou velhas – e é neste sentido que a literatura deve ser estudada, como um espelho das metamorfoses sociais” (LANGER, 2015, p. 60).

A própria definição que é dada em tempos atuais para a magia reflete uma metamorfose, adaptada a um novo contexto, que irá confrontar-se com outras leituras do mesmo tema.

A feitiçaria, por exemplo, que era praticada com certa liberdade, passa a ser perseguida em sua própria forma de existir. Os cultos antigos, ao serem “revividos”, tornam-se, na verdade, em leituras novas e em novos fenômenos, exigindo adaptações e negociações para a sua sobrevivência.

Hakon iniciou a tentativa de cristianizar a Noruega, mas encontrou forte oposição dos fazendeiros livres, desconfiados de qualquer tipo de inovação. Foi somente com Olaf Tryggvason que a nova religião adentrou efetivamente no país, a partir de 960, utilizando-a como suporte político e de coerção social, queimando templos e eliminando chefes pagãos (GRAHAM-CAMPBELL 1997, *apud* LANGER, 2015, p. 67).

Desse modo o desenvolvimento da cristianização da Europa se deu através de um movimento político e por meio de negociações políticas, ora utilizando-se de mecanismos que forçavam ideais de uma nova cultura, ora favorecendo um campo de troca, sincronia ou releituras de antigos saberes com finalidades muito maiores do que o meramente religioso.

Em seguida, o texto narra a chegada de dois missionários na Islândia, enviados por Olaf Tryggvason com o intuito de cristianizar a ilha: Thangbrand e Gudleif, ambos de origem nobre, e o segundo imputado de ser um grande guerreiro. A recepção inicial dos habitantes da região a esses visitantes não é amistosa. Logo, reunidos em assembléia, decidem proibir as pessoas de comercializar com eles. Porém, um fazendeiro de nome Hall, visita Thangbrand e o convida a comprar mantimentos em sua residência. O missionário monta uma tenda, onde realiza uma missa e uma grande festa. Hall pergunta a este para quem se destinava os festejos, recebendo a resposta que seriam para São Miguel. Logo, Hall decide ter esse anjo como guardião e é batizado com toda a sua família e dependentes, neste mesmo dia (LANGER, 2015, p. 67).

Nesse momento os elementos sociais, culturais e políticos se misturam ao religioso, abrindo espaços para demais conversões e assimilações culturais diversas, onde o cristianismo assumiu um lugar hierárquico privilegiado vinculado a interesses ideológicos de um determinado grupo. Parece haver um confronto e hibridismo ao mesmo tempo e de modo diferente. A Escandinávia passou por um processo de conversão, assimilação e sincretismo religioso bastante diferenciado entre seus povos. Em algumas regiões o culto ao deus Thor era bastante expressivo, já em outras regiões era possível encontrar o culto ao deus Odin de maneira mais frequente.

A religião nórdica é construída por acréscimos sucessivos, existindo variações na produção de imagens e narrativas orais do mundo escandinavo para o mundo cristianizado. A conversão ocorreu de maneira rápida, não sendo possível compreender as transformações dessas populações sem levar em consideração uma relativa tolerância inicial, e uma relativa seleção mítica realizada pelos colonizadores nesse complexo processo cultural.

A assimilação e interação cultural dos nórdicos com outras fontes culturais ocorreram de várias formas: no impacto linguístico, artístico, religioso e outros. A seguir temos um pequeno fragmento que discorre sobre histórias de serpentes e dragões:

Neste caso, é possível que o próprio pensamento pagão tenha sido influenciado pelas narrativas bíblicas do apocalipse, durante o período de transição, ocasionando a interpretação norroena, que discutimos em outro artigo (Langer 2006b: 48-78). Assim, o mito da serpente do mundo foi reinterpretado com elementos cristãos, ocasionando a sobrevivência de uma versão do mito onde ela não morria durante a pescaria, mas durante o Ragnarök, e foi essa a opção que Snorri preservou. Mas não foi apenas na Islândia que houve essa tendência (LANGER, 2015, p. 188).

Os mitos sobrevivem em adaptações com a finalidade de sua preservação. As religiosidades que surgem constroem leituras diferentes e mundos diferentes, onde se torna complexa a relação entre o novo e o antigo, e entre os espaços do religioso no campo social, seja público ou privado.

O livro em questão traz grandes contribuições científicas para o entendimento dos mitos e religiosidades dos povos vikings e escandinavos ao dialogar com a transformação de conceitos importantes como magia e feitiçaria, através de diferentes sociedades e cultura.

Desse modo, a obra apresentada auxilia na compreensão histórica, cultural e social dessas sociedades e na compreensão do próprio desenvolvimento da história ocidental que se confronta, em diferentes momentos, com culturas e saberes de outras culturas, formando e transformando a sua própria identidade, de valor imprescindível para os diferentes estudos científicos produzidos sobre as religiões.

Trata-se de uma importante ferramenta de estudo e de compreensão acadêmica para o cenário das ciências das religiões, da história das religiões e áreas afins, sobretudo pelas contribuições dos temas abordados, ainda escassos no Brasil e nas produções científicas de língua portuguesa.